

Um mestre inesquecível: Paul Ricœur

Paulin J. Hountondji

Professeur émérite aux Universités nationales du Bénin

Resumo

Nesse ensaio autobiográfico, introdução com uma breve apresentação por Ernst Wolff, Paulin Hountondji narra sua relação com Paul Ricœur. O papel de Ricœur enquanto seu orientador de doutorado é apreciado no contexto da experiência de Hountondji no meio filosófico parisiense dos anos 1960, bem como em relação a todo o percurso de seu próprio desenvolvimento acadêmico. O ensaio coloca em evidência as aproximações entre Hountondji e Ricœur (em particular o estudo de Husserl), e narra igualmente seus encontros e desencontros.

Palavras-chave: Ricœur; Husserl; filosofia africana; ciência; fenomenologia; Unesco.

Résumé

Dans cet essai autobiographique, précédé d'une courte présentation par Ernst Wolff, Paulin Hountondji retrace sa relation avec Paul Ricœur. Le rôle de Ricœur comme directeur de thèse est replacé dans le contexte de l'expérience de Hountondji avec le milieu philosophique parisien des années 1960 et de l'histoire plus longue de son propre développement académique. L'essai met en évidence les proximités entre Hountondji et Ricœur (en particulier l'étude de Husserl), mais identifie également des rencontres ponctuelles ou manquées.

Mots-clés: Ricœur; Husserl; philosophie africaine; science; phénoménologie; Unesco.

Abstract

In this autobiographical essay, introduced by Ernst Wolff, Paulin Hountondji gives an account of his relation to Paul Ricœur. A sketch of his own academic development and his experience of the Parisian philosophy milieu in the 1960s serves as background for his choosing Ricœur as his doctoral supervisor. The essay makes plain the proximities between Hountondji and Ricœur (especially the study of Husserl), but identifies also occasional and missed encounters.

Keywords: Ricœur; Husserl; African philosophy; Science; Phenomenology; Unesco.

Études Ricœuriennes / Ricœur Studies, Vol 12, No 1 (2021), pp. 60-70

ISSN 2156-7808 (online) DOI 10.5195/errs.2021.556

<http://ricœur.pitt.edu>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-No Derivative Works 3.0 United States License.



This journal is published by the [University Library System](#) of the [University of Pittsburgh](#) as part of its [D-Scribe Digital Publishing Program](#), and is cosponsored by the [University of Pittsburgh Press](#).

Um mestre inesquecível: Paul Ricœur

Paulin J. Hountondji

Professeur émérite aux Universités nationales du Bénin

Apresentação Por Ernst Wolff

A Revista *Études Ricœuriennes/Ricœur Studies* (ERRS) traz no presente dossiê um texto que é um testemunho histórico de Paulin J. Hountondji. Juntamente com Theophilus Okere e Nkombe Oleko,¹ Hountondji está entre o pequeno grupo de grandes filósofos africanos que tiveram encontros significativos com Ricœur durante seus estudos de doutorado. No artigo que segue, Hountondji detalha e contextualiza sua relação com Ricœur. Não obstante, trazemos algumas notas informativas para apresentar o autor àqueles leitores da ERRS que ainda não conhecem sua obra.

Após suas primeiras experiências como professor universitário em Besançon,² Kinshasa³ e Lubumbashi,⁴ Hountondji foi nomeado na Universidade de Abomey-Calavi⁵ em 1972. Ele foi igualmente gestor de Pós-graduação no Collège international de philosophie de Paris [Colégio Internacional de Filosofia de Paris] (1986 e 1992) e desde 1998 é diretor do Centre africain des hautes études de Porto-Novo⁶ [Centro Africano de Estudos Avançados de Porto-Novo]. Entre as funções acadêmicas que ele desempenhou, destacamos a vice-presidência do Conseil pour le développement de la recherche en sciences sociales en Afrique [Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais na África] (CODESRIA, 2002-2005) e sua participação no comitê diretor da Fédération internationale des sociétés de philosophie [Federação Internacional das Sociedades de Filosofia] (1998-2013). Além disso, ele foi Ministro da Cultura e da Comunicação e Ministro da Educação Nacional do Benin no início dos anos 1990.⁷

Paulin J. Hountondji alcançou notoriedade acadêmica graças à publicação e à tradução de seu livro de 1976, *Sur la "philosophie africaine"*⁸ (do qual algumas partes são evocadas no presente artigo – sua célebre crítica da etnofilosofia e seu estudo sobre Guillaume Amo).⁹ A maioria dos temas que ocuparão sua atenção filosófica ao longo de toda sua carreira estão presentes nesse volume: as diversidades das formas de racionalidade, as continuidades e os conflitos entre elas; as tensões entre a especificidade contextual e cultural dos povos e a vocação universalista da ciência; o estatuto, a importância científica e a incorporação institucional das diferentes formas de saber; e as possibilidades e restrições políticas das diferentes formas de expressão em um mundo pós-independência polarizado. Todas essas questões são moldadas por uma atenção particular à situação dos beninenses e dos africanos contemporâneos, e por sua vontade de clarificar o papel da filosofia enquanto ciência e prática ao serviço de uma contínua libertação. Hoje em dia, nada do que se dissesse sobre a importância de Hountondji para a filosofia africana seria exagero. Há mais ou menos cinquenta anos, raros são os livros e as teses de filosofia africana que não fazem referência à sua obra.¹⁰ A pertinência do seu trabalho para outras regiões do mundo globalizado é cada vez mais reconhecida.¹¹

Em *Um mestre inesquecível: Paul Ricœur*, Hountondji retoma os detalhes de sua própria biografia intelectual¹² em relação com a de Ricœur, e contribui assim para superar as linhas divisórias acadêmicas artificiais e nefastas.¹³

I. Uma percepção simplista

Eu devia estar no último ou penúltimo ano do Ensino Médio em 1958-59 ou 59-60 no Liceu Victor Ballot de Porto Novo (o futuro Liceu Béhanzin)¹⁴ quando a Sra. Rouverand, esposa de Emile Rouverand, diretor do Curso Secundário protestante de Cotonu, nos citava de passagem, e de maneira inteiramente incidental, algumas belas frases do *Philosophie de la volonté*,¹⁵ durante as reuniões do Grupo bíblico universitário (GBU) do qual eu era na época um dos organizadores¹⁶. Após isso, eu pude me deleitar, durante meus anos de *hypokhâgne* e de *khâgne*¹⁷ no Liceu Henry-IV (1960-63), mas ainda mais na École normale supérieure (1963-67) e para além, de algumas belas páginas de Ricœur. Tenho em minha biblioteca *História e Verdade*,¹⁸ *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*,¹⁹ *O Conflito das Interpretações*,²⁰ *O si mesmo como um Outro*²¹ e alguns outros textos. Mas eis aqui o problema: meu percurso e minha trajetória muito breve com Ricœur me inclinam a ver nele sobretudo, tanto hoje como ontem, o excelente tradutor, comentador, intérprete, conhecedor e, até certo ponto, discípulo de Husserl, o que é, certamente, uma percepção simplista sobre este imenso filósofo.

Eu quero, portanto, ser modesto. Que não se espere de mim uma grande comunicação sobre a obra de Paul Ricœur e sobre as razões, que são de fato múltiplas e fortes, pelas quais todos os países, todas as comunidades filosóficas e científicas do mundo se baseiam para reivindicá-lo como parte integrante de seu patrimônio.

Até onde eu sei, de fato, Ricœur escreveu em francês, em inglês, em alemão. Ele ensinou na França, na Bélgica, nos Estados Unidos, mas ele pertence a todos os continentes. Em relação à África, notadamente, não poderíamos esquecer que de 27 a 31 de dezembro de 1980 ocorreu na Universidade de Dakar, no Senegal, sob o alto patrocínio do presidente da República, o Encontro Anual do Instituto Internacional de Filosofia sobre o tema: “Les fondements philosophiques des droits de l’homme” [“Os fundamentos filosóficos dos direitos do homem”]. A conferência introdutória foi feita por Paul Ricœur em presença do presidente Léopold Sédar Senghor, que lhe apresentou uma bela reação em resposta. Os membros do Instituto não puderam ignorar que Senghor realizava, em presença deles, um dos últimos atos de sua função, visto que ele deveria apresentar, de maneira voluntária e sem resistência alguma, precisamente no dia 31 de dezembro de 1980, sua carta de renúncia da função presidencial do Senegal. A partir deste evento, e a partir também dos numerosos artigos militantes publicados nas revistas *Réforme*, *Esprit*, *Christianisme social* e diversas outras, poderíamos nos interrogar sobre a relação específica de Paul Ricœur com a África em geral e com a África negra em particular.

Não abordarei esta questão aqui.²² Me contentarei em fazer um testemunho pessoal e sem pretensão. Portanto, não poderei deixar de falar também de outras pessoas, dentre elas, de mim mesmo, e de evocar os contextos e situações que, à primeira vista, não têm relação com Paul Ricœur, mas que, vistos de perto, levam a ele e permitem compreender por que, e em que sentido ele foi para mim, assim como para muitos outros, um mestre inesquecível.

II. Uma tese de doutorado

Ricœur aceitou orientar minha tese de doutorado no final dos anos 1960. Esta era uma tese sobre *L’idée de science dans les Prolégomènes à la logique pure et la première Recherche logique de*

Husserl [A ideia de ciência nos Prolegômenos para uma Lógica Pura e na primeira Investigações Lógicas de Husserl]. Sua preparação proporcionou a mim a ocasião de ser recebido uma ou duas vezes pelo mestre em sua casa em Châtenay-Malabry. A defesa ocorreu em Nanterre em junho de 1970, diante de uma banca cujos prestigiosos membros eram, além do próprio Ricœur, Suzanne Bachelard e Emmanuel Lévinas.

Meu interesse por Husserl data do ano de meu *hypokhâgne*. Eu tinha 18 anos em 1960. Vindo do Benim (na época, chamado Daomé) após o *baccalauréat*²³ e graças a uma bolsa do governo de Daomé, fui admitido no Liceu Henry-IV para preparar-me ao *concours* para a École normale supérieure. Éramos quatro africanos na classe: Eugène Ngoran Blanc, da Costa do Marfim, de quem eu não tive mais notícias desde então, Ahmed Sidi Baba, um mauritano calmo e elegante, que eu iria reencontrar alguns anos mais tarde em um hotel em Dakar, atualmente político e ministro de seu país, o impetuoso Yambo Ouologuem, que seguiu suas classes preparatórias em Lyon e tornou-se célebre alguns anos mais tarde ao receber o prêmio Renaudot²⁴ por seu romance *Le devoir de violence*, e eu. Nosso professor de filosofia, André Bloch, de fato um brilhante pedagogo, se dedicava a nos fazer amar os autores. E ele escolheu, para nos introduzir à Husserl, o longo artigo de 1910, “A filosofia como ciência rigorosa.” Esta porta de entrada a Husserl foi, para mim, de importância fundamental.

Após uma reprovação em 1962, fui admitido em 1963 no concurso da École normale supérieure, localizada na rue d’Ulm. Para qual agregação²⁵ iria eu me preparar? A de letras clássicas ou aquela considerada mais difícil, de filosofia? Muito confortável com o latim e o grego, eu pensava ser, no entanto, mais apropriado para um africano se lançar em uma disciplina de alcance mais universal. Mas eu tinha medo. Aconselhei-me com Louis Althusser, o *agrégé répétiteur*²⁶ (função chamada, no jargão escolar, de “*caïman*”) de filosofia. Ele de pronto me sugeriu, para testar o meu nível, um tema de dissertação para ser redigido no prazo de 48 horas. Eu cumpri. O veredicto foi anunciado: eu era capaz de preparar uma agregação em filosofia.²⁷

Na rue d’Ulm, Jacques Derrida, o outro “*caïman*,” ministrava seminários fascinantes nos quais ele nos fazia ler enquanto dissecava ele mesmo alguns grandes textos de Platão, Descartes, Hume, Kant, Husserl. Quando chegou o momento em que eu teria de escolher o tema da monografia para o Diploma de Estudos Superiores (DES), eu lhe comuniquei sobre meu desejo de trabalhar sobre Husserl. Ele me sugeriu então explorar *La notion de hylè dans la philosophie de Husserl* [A noção de hylè na filosofia de Husserl]. Sob sua recomendação, Maurice Patronnier de Gandillac, que orientou 10 ou 11 anos antes a monografia de DES do próprio Derrida sobre *O problema da gênese na filosofia de Husserl*,²⁸ aceitou orientar este meu trabalho. Minha monografia foi defendida na Sorbonne em junho de 1965. Nesta mesma época, Paul Ricœur dava na Sorbonne um curso sobre Husserl. Que alegria para os estudantes!

Eu tive a sorte de ser aprovado em minha primeira tentativa para a agregação em 1966. Georges Canguilhem foi o presidente da banca. A prova oral mais temida era a “grande lição.” Sorteava-se um dos temas propostos pela banca, dirigia-se à biblioteca da Sorbonne logo acima, e havia quatro ou cinco horas para preparar a apresentação. Apesar de ter sido atormentado desde minha infância por uma gagueira que nunca superei até hoje, me ocorria, em algumas grandes ocasiões, de absolutamente não gaguejar. Certamente herdei isso de meu pai. Pastor da igreja protestante, ele gaguejava no cotidiano, mas se tornava espantosamente eloquente a partir do momento em que alcançava o púlpito, tomado por uma convicção profunda e uma grande

espontaneidade.²⁹ Eu havia sorteado um tema de ouro: “Le développement comme concept sociologique” [“O desenvolvimento como conceito sociológico”]. Após o anúncio dos resultados, Althusser sussurrou a mim sob forma de brincadeira: “Canguilhem fala de você com emoção.” Ouvir este jovem africano denunciar, em pleno Anfiteatro Descartes na Sorbonne, ao fim de uma apresentação julgada bem construída, o que ele considerava como uma forma de eurocentrismo inaceitável, havia impressionado notavelmente a banca.

A brincadeira não entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Eu solicitei logo depois um encontro com Georges Canguilhem. Ele me recebeu em seu escritório da rue du Four, no Institut d’histoire des sciences et des techniques. Ao final de nossa conversa, ficou acordado que eu faria sob sua orientação uma tese de doutorado sobre o tema: *La théorie du rapport entre structure sociale et genèse de l’esprit scientifique depuis le début du dix-neuvième siècle* [A teoria da relação entre estrutura social e gênese do espírito científico desde o início do século dezenove]. Eu me propunha a pesquisar, identificar, examinar os autores que, desde Auguste Comte, se expressaram a respeito das condições socioeconômicas, políticas e culturais do nascimento ou do renascimento do espírito científico. Minha preocupação era a África. Como fazer com que ela desenvolva em seu seio, de maneira autônoma, uma história de domínio dos saberes e das habilidades? E o que podem nos ensinar sobre esta questão a sociologia das ciências, a epistemologia e a antropologia dos saberes desenvolvidos no Ocidente?

Esta tese nunca viu a luz do dia. Eu era assíduo no seminário de Canguilhem. Nele, apresentei um trabalho sobre Antoine-Guillaume Amo, este filósofo africano do século XVIII originário da atual Gana, que fez carreira nas universidades de Halle, Wittenberg e Iena e depois voltou para viver o fim de sua vida entre os seus, em Gold Coast, por volta da metade do século. Claire Salomon Bayet, que também participava do seminário de Canguilhem, era também redatora de uma revista trimestral, *Les études philosophiques*. Ela me convidou a formatar meu trabalho para publicação. O que foi feito.³⁰ Mas a grande tese com a qual eu sonhava ainda não havia começado.

Então eu disse a mim mesmo que eu poderia, ao mesmo tempo em que esperava para estar pronto para esta grande tese, fazer um balanço de meus conhecimentos e minhas interrogações sobre a natureza, o sentido, a dimensão disto que concordamos em chamar de ciência. Neste contexto, a contribuição de Husserl era incontornável. Eu me dirigi a Paul Ricœur. Ele aceitou me guiar. Fiquei feliz com isso.

Eu era muito ambicioso no início. Queria compreender a ideia de ciência em Husserl analisando sua obra de ponta a ponta, ou ao menos o que estava acessível em francês e em inglês, desde a *Filosofia da Aritmética* até a *Krisis*, passando pelas *Investigações Lógicas*, as *Ideias para uma Fenomenologia Pura* e para uma *Filosofia Fenomenológica, Lógica Formal e Transcendental* e ainda outros textos. Eu logo percebi a que ponto essa ambição era desmedida e o quanto era imperativo restringir o tema, escrevendo mais diretamente sobre a ideia de ciência nas *Investigações Lógicas*. Melhor ainda: havendo iniciado, eu tive de aceitar reduzir meu campo de investigação e limitar-me ao volume 1 (*Prolegômenos à Lógica Pura*) e à primeira das seis Investigações do volume 2, primeira parte (*Expressão e Significação*).

Ricœur me deixou fazer. Ele não pressionou o jovem pesquisador que eu era, mas sim confiou em mim, deixando que eu evoluísse no meu ritmo, sob a condição de lhe prestar contas de maneira periódica.

III. Para além da tese

Ricœur é mais que isso, é claro. Para além de meu orientador de tese, eu via nele um homem fascinante.

Eu estava na rue d'Ulm quando foi publicado o *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud* (1965). Os alunos da École normale supérieure, nesta época, apenas acatavam a tudo o que Jacques Lacan fazia. Um dentre eles publicou uma resenha devastadora da obra. Ao contrário, de minha parte, eu admirava a coragem de Ricœur, o aporte crítico e distanciado que ele mantinha em relação a Freud indiferente às modas intelectuais do *establishment*.

Eu nunca tive a ocasião de lhe dizer: uma das razões secretas de minha admiração estava na observação de seu rigor intelectual, sua independência de espírito, sua liberdade, mas também a extrema discrição de um pensador de origem e educação protestantes. Após um ano de internato no liceu Henry-IV (1960-61), eu vivi durante meus dois anos de khâgne no número 46 da rua de Vaugirard, que abrigava na época a Maison des étudiants protestants de Paris [Casa dos Estudantes Protestantes de Paris]. Lá aconteciam, todos os dias da semana, encontros informais à hora do café e, às vezes, à noite, reuniões mais formais organizadas pelos responsáveis da Fédération française des associations chrétiennes d'étudiants (la "Fédé") [Federação Francesa das Associações Cristãs de Estudantes]. Ricœur foi o convidado de honra de uma destas reuniões, à qual eu infelizmente não pude assistir. Mas li com grande prazer a cópia do texto de sua apresentação introdutória que tinha como título algo como: "Sens et portée d'une appartenance ecclésiale" ["Sentido e dimensão do pertencimento eclesialístico"]. Estava escrito à primeira página: "Não publicar."³¹ Eu guardei por muito tempo este texto que, no entanto, não pude mais encontrar nos dias de hoje, em meio à bagunça de meus velhos papéis.

Eu também nunca tive a oportunidade de conversar com Paul Ricœur sobre uma das questões que me preocupavam cada vez mais: o mito da "filosofia africana" concebida como um sistema de pensamento coletivo. Eu havia ficado chocado ao ler, naquela época, vindo de autores como Bachelard, Camus, Lavelle, Gabriel Marcel, Chombard de Lauwe, Wahl, elogios incondicionais³² ao pequeno livro do Padre Tempels reeditado pela *Présence africaine* em 1949: *A Filosofia Bantu*.³³ O título era extremamente propagandista, é verdade. O missionário belga pretendia restaurar o pensamento bantu e mostrar a que ponto ele era coerente e sistemático, muito longe desta "mentalidade primitiva" descrita por certos etnólogos.³⁴ Mas esta não era uma desculpa. Eu não conseguia compreender como estes autores podiam fechar seus olhos a respeito dos equívocos gritantes deste livro. Eu enxergava em suas atitudes uma complacência culpável em contradição com suas próprias práticas intelectuais fundadas sobre a ideia de um pensamento pessoal e responsável.

Creio nunca haver discutido em viva voz com ele. Eu teria sem dúvida lhe explicado o porquê de minha decepção com o pequeno livro de Tempels, de título tão promissor. A prudência de Husserl a respeito das visões de mundo (*Weltanschauungen*) e da tentação de lhes tomar por filosofia, a prudência de Althusser a respeito da ideologia e sua exigência pela teoria, existiam certamente por alguma razão – assim como meu engajamento por uma África ao mesmo tempo aberta e intelectualmente soberana.

Ricœur, no entanto, não estava alheio a esta problemática. Leitor incansável, espírito universal sempre à escuta dos outros, esta escuta inteligente que permite que se veja ao mesmo tempo a coerência e os limites de seus discursos, não é surpreendente que a ele tenha sido confiada, por Jacques Havet, então diretor do setor das Ciências Sociais na Unesco, a direção da última das quatro grandes seções da volumosa obra de síntese sobre as *Tendances principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines*³⁵ [*Principais tendências da pesquisa nas ciências sociais e humanas*]. Neste contexto, eu fui solicitado a fazer um balanço sobre o estado da pesquisa filosófica na África. Na sua introdução à Seção IV,³⁶ Ricœur menciona a minha contribuição, neste período já publicada no *Diogène* sob o título: “Remarques sur la philosophie africaine contemporaine”³⁷ [“Observações sobre a filosofia africana contemporânea”].

Ricœur também me solicitou, alguns anos mais tarde, uma contribuição a uma publicação coletiva sobre *Les fondements philosophiques des droits de l’homme* [*Os fundamentos filosóficos dos direitos humanos*]. Não sei mais dizer se em algum momento eu tive sob os olhos a versão francesa deste livro. Ele deve ter passado por um atraso de publicação em relação às versões em espanhol e inglês que, essas sim, eu efetivamente lembro de ter visto. Intitulei meu artigo como “La voix de son maître: remarques sur le problème des droits de l’homme en Afrique” [“A voz de seu mestre: observações sobre o problema dos direitos humanos na África”]. Ele foi publicado, na época, em espanhol³⁸ e em inglês.³⁹ Mas eu lembro como se fosse ontem das circunstâncias que inspiraram este título.

Devia ser junho de 1980. Eu morava em um hotel perto da Universidade de Nairobi, onde o departamento de filosofia e de estudos religiosos havia me convidado para a função de examinador externo (*external examiner*). Era um sábado de manhã. Da sacada do hotel eu enxergo uma aglomeração no campus e escuto um barulho indistinto que se tornava mais e mais preciso conforme a multidão desfilava pelas ruas ao redor do campus. Era uma manifestação de estudantes. Eles protestavam vigorosamente contra o assassinato covarde de um jovem historiador da Guiana, que foi por um tempo seu professor e que havia retornado ao seu lar, chamado Walter Rodney, autor notadamente de uma obra tornada célebre, *How Europe Underdeveloped Africa* [*Como a Europa subdesenvolveu a África*]. A indignação coletiva, a grande cólera da juventude queniana eram a meus olhos a refutação mais eloquente de um lugar comum que corre pelas publicações as mais eruditas e que eu acabara de encontrar, como por sorte, em um texto que se pretendia muito sério, segundo o qual os direitos do homem seriam uma ideia essencialmente ocidental. O que acaba por confundir duas coisas: de uma parte, o sentido intrínseco de uma ideia ou de um valor tomado por ele mesmo, e de outra parte as circunstâncias acidentais, a história de sua formulação nas diferentes culturas. Por ter formalizado melhor uma certa ideia, ou por tê-la formalizado antes de outras culturas, o Ocidente dominador reivindica constantemente, mesmo que indevidamente, a sua paternidade.

Não me perdoe por haver perdido, por minha culpa, um encontro com Paul Ricœur. Se tratava, se não me engano, do décimo sexto congresso mundial de filosofia na Alemanha, organizado com maestria por Alwin Diemer, diretor do Instituto de Filosofia da Universidade de Düsseldorf. Em meio ao barulhento tumulto dos milhares de participantes que iam e vinham, tive a chance de cruzar com Ricœur. Ele me propôs então um horário e lugar específicos para que nos encontrássemos. Eu cheguei atrasado. Eu o vi partindo. Estava já a 20 ou 30 metros. Não me atrevi a correr para alcançá-lo.

Lembro-me que em julho de 2000, ao fim de um período de convalescência em Paris e a alguns dias de meu retorno ao Benim, fiquei sabendo ao acaso que ele iria apresentar uma conferência na Sorbonne. Não pude resistir à vontade de ouvi-lo. Depois da conferência, desço rapidamente os degraus da escada do anfiteatro para saudá-lo. Eu me atrevo a lhe perguntar: “Quando o senhor poderá vir nos visitar no Benim?” Eu estava certo de poder garantir os meios para organizar, para as datas que lhe fossem convenientes, um grande colóquio regional, talvez internacional, que reunisse participantes de toda a África, talvez até de fora da África, para lhe ouvir. O Conselho interafricano de filosofia, que eu encabeçava, já havia proporcionado a vinda à Cotonu, em outras circunstâncias, de celebridades tais como Jacques Derrida,⁴⁰ Richard Rorty, Alwin Diemer, na época presidente da Fédération internationale des sociétés de philosophie [Federação internacional das Sociedades de Filosofia] (FISP), Michèle Gendreau-Massaloux, reitor da Agence universitaire de la francophonie [Agência universitária da Francofonia], para citar apenas alguns. Eles tiveram diálogos muito férteis com uma plateia de filósofos que contavam entre os mais produtivos da África.

Ricœur me responde então: “Sabe que idade eu tenho? Tenho 87 anos completos. Envie mesmo assim o convite, e veremos.” Assim que retorno à África, discuto a questão com alguns colegas e lhe escrevo. A resposta chega sem demora, assinada por dois de seus assistentes. Ricœur não virá.

Traduzido do original em francês por Cristina A. Viana Meireles e Juliele Maria Sievers

- ¹ Nota do autor [doravante N.A.]: Como podemos testemunhar em suas obras, respectivamente em Theophilus Okere, *Can There Be an African Philosophy? A Hermeneutical Investigation with Special Reference to Igbo Culture* (Leuven: Institut supérieur de philosophie, 1971), IV, e em Nkombe Oleko, *Métaphore et métonymie dans les symboles parémiologiques. L'intersubjectivité dans les "Proverbes Tetela"* (Kinshasa: Faculté de théologie catholique, [1975] 1979), 7.
- ² Nota das tradutoras [doravante N.T.]: Cidade no Leste da França.
- ³ N.T.: Capital da República Democrática do Congo.
- ⁴ N.T.: Cidade na República Democrática do Congo.
- ⁵ N.A.: Que antes se chamava université du Dahomey (N.T.: de 1970 a 1975) e em seguida Université nationale du Bénin (N.T.: de 1975 a 2001).
- ⁶ N.T.: Porto-Novo é a capital do Benim.
- ⁷ N.A.: Informações extraídas do *Curriculum Vitae* de Hountondji (comunicação pessoal).
- ⁸ N.A.: Paulin J. Hountondji, *Sur la "philosophie africaine". Critique de l'ethnophilosophie* (Paris: Maspero, 1976). N.T.: Obra ainda sem tradução para o português brasileiro.
- ⁹ N.T.: Antoine Guillaume Amo foi um filósofo africano que em 1734 recebeu o título de Doutor em Filosofia na Université saxonne de Wittenberg (atualmente Martin-Luther-Universität de Halle-Wittenberg), o que foi um "acontecimento extraordinário" na Europa de então). Para mais informações, cf. artigo de Christine Damis, "Le philosophe connu pour sa peau noire. Anton Wilhelm Amo," *Rue Descartes*, vol. 2/36 (2002), 115-127, disponível em <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2002-2-page-115.htm?contenu=article>, Acesso em 8 de junho de 2021.
- ¹⁰ N.A.: Uma longa seleção de sua bibliografia está disponível em Franziska Dübgen e Stefan Skupien, *Paulin Hountondji. African Philosophy as Critical Universalism* (Cham: Springer Nature Switzerland AG, 2019), 179, 182-184.
- ¹¹ N.A.: Contextualizações antigas do pensamento de Hountondji no cenário da filosofia africana e com uma ênfase explícita nas questões de decolonização ou de crítica pós-colonial se encontram em Messay Kebede, *Africa's Quest for a Philosophy of Decolonization* (Amsterdam/New York: Rodopi, 2004) e em Valentin-Yves Mudimbe, *The Invention of Africa. Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge* (Bloomington: Indiana University Press, 1988). Um panorama completo e recente de seu trabalho é a obra já mencionada de Dübgen e Skupien's, *Paulin Hountondji. African Philosophy as Critical Universalism*.
- ¹² N.A.: Cf. Paulin J. Hountondji, *Combats pour le sens. Un itinéraire africain* (Cotonou: Éditions du Flamboyant, 1997).
- ¹³ N.A.: O artigo de Hountondji é uma versão revisada de sua palestra principal, pronunciada por ocasião do colóquio internacional "Ricœur patrimoine mondial," realizado pela Katholieke Universiteit Leuven

(KU Leuven), entre os dias 19 e 21 de novembro de 2020.

- ¹⁴ [N.A.]: Liceu Victor Ballot, nome do primeiro governante do Daomé (1894-1900). Depois da independência do país em 1º de agosto de 1960, o estabelecimento foi renomeado Liceu Béhanzin, nome do último rei de Daomé, feroz resistente à colonização francesa. N.T.: O Daomé é o reino précolonial em África onde posteriormente foi instaurada a nação do Benim.
- ¹⁵ N.T.: "Filosofia da vontade." Trata-se da primeira grande obra de Paul Ricœur, publicada em dois tomos: *Le volontaire et l'involontaire* (1950) e *Finitude et culpabilité*, composta pelos livros *L'homme faillible* e *La symbolique du mal* (1960). Pela data relatada por Hountondji, presumimos que ele se refere ao primeiro tomo, que era a tese de doutorado de Ricœur. Cf. Paul Ricœur, *Philosophie de la volonté*, t. 1, *Le volontaire et l'involontaire* (Paris: Points, 2009), obra ainda sem tradução para a língua portuguesa.
- ¹⁶ N.A.: Sob a influência do casal Rouverand, esta associação, fundada alguns anos antes, teve que dar fim a si mesma durante uma de suas assembleias gerais, para dar lugar à *Fédération dahoméenne des associations chrétiennes d'étudiants* (a "*Fédédé*" *dahoméenne*) afiliada à *Fédération universelle des associations chrétiennes d'étudiants* localizada em Genebra e considerada menos fundamentalista.
- ¹⁷ N.T.: Após o término do Lycée (correspondente ao nosso Ensino Médio), o aluno pode fazer sua opção de especialização nas classes preparatórias para as chamadas *Grandes Écoles* ou para as universidades (neste caso, se trata de uma formação "paralela," onde o aluno pode obter validação por equivalência de disciplinas). O aluno que optar pelas *Classes préparatoires littéraires* é chamado, em seu primeiro ano de estudos, de *hypokhâgne* e, em seu segundo ano de estudos, de *khâgne*. Após esta formação, o aluno pode prestar o *concours*, a prova de admissão nas instituições renomadas de ensino superior francesas, as *Écoles normales supérieures*.
- ¹⁸ N.T.: Publicado originalmente na França em 1955, e depois em 1964, numa 2ª. edição com um importante acréscimo. No Brasil, foi traduzida esta 2ª. edição em 1968 (Editora Forense).
- ¹⁹ N.T.: Publicado em 1965 na França, e traduzido no Brasil em 1977 (Editora Imago).
- ²⁰ N.T.: Publicado em 1969 na França, e traduzido no Brasil em 1978 (Editora Imago).
- ²¹ N.T.: Publicado em 1990 na França, e no Brasil foi traduzido em 1991 (Papyrus). Mais recentemente, foi publicada uma nova tradução em português brasileiro (Martins Fontes, 2014).
- ²² N.A.: Pode-se ter interesse, no entanto, na leitura de Vincent Davy Kacou Oi Kacou, *Penser l'Afrique avec Ricœur* (Paris: L'Harmattan, 2013).
- ²³ N.T.: Diploma obtido após realização de um exame, ao final dos estudos secundários (Ensino Médio). No Brasil, seria algo equivalente ao Exame do ENEM. Se bem que, atualmente na França, há vários tipos de *baccalauréat*, que podem certificar um ensino de cunho mais genérico, tecnológico ou mesmo profissionalizante. O "bac," como é popularmente conhecido, é condição imprescindível para se ingressar no Ensino Superior francês.
- ²⁴ N.T.: O *prix Renaudot* premia anualmente produções literárias (romances e ensaios). Foi criado em 1925

e existe até os dias de hoje. Seu nome é uma homenagem ao médico e jornalista francês Théophraste Renaudot (1586-1653).

- ²⁵ N.T.: O concurso para agregação prepara os professores de Ensino Médio ou Superior: os aprovados neste difícil exame possuem cargo vitalício no ensino, e o mérito de possuir tal cargo é celebrado inclusive com o título de “agregado.”
- ²⁶ N.T.: O *agrégé répétiteur* auxilia os candidatos a se prepararem para o concurso de agregação, fazendo-os “repetir” os exercícios, provas (no sentido de “praticar”) e dando conselhos e orientações.
- ²⁷ N.A.: O tema proposto era, creio eu: “Le propre de l’homme” [“O próprio do homem”]. Na sua anotação manuscrita, Althusser, depois de haver manifestado sua satisfação, acrescentou sob forma de preocupação ou de aviso: “Você se fecha dentro do espaço não ameaçado de uma filosofia da consciência.”
- ²⁸ N.T.: Obra ainda não publicada em português no Brasil. Cf. Jacques Derrida, *Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl* (Paris: Puf, 1990).
- ²⁹ N.A.: O Benim foi primeiramente “evangelizado” por um missionário britânico, o pastor Thomas Birch Freeman, da Igreja Metodista da Grã-Bretanha, sendo ele mesmo mestiço [“métis”]. Partindo da Libéria onde já estava instalada uma missão wesleyana, ele se desloca até Badagri na atual Nigéria e depois volta ao oeste em 1843. Recebido pelo rei Ghézo em 7 de março de 1843, ele obtém deste a autorização de abrir centros de ensino e evangelização no reino do Daomé. O primeiro centro é inaugurado em Uidá alguns anos depois. Note-se que os padres católicos da Sociedade de Missões Africanas de Lyon iriam chegar ao Benim 18 anos mais tarde, em 1861.
- ³⁰ N.A.: Cf. Paulin J. Hountondji, “Un philosophe africain dans l’Allemagne du XVIIIe siècle. Antoine-Guillaume Amo,” *Les études philosophiques*, vol. 1 (1970). Este artigo se tornou o capítulo 5 de *Sur la philosophie africaine*.” Pode-se ter interesse também na leitura do artigo mais recente, Paulin J. Hountondji, “Die Re-Africanisierung des Anton Wilhelm Amo”/“Re-africanizing Anton Wilhelm Amo,” in Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, Jule Hillgärtner, Nele Kaczmarek (eds), *The Faculty of Sensing – Thinking With, Through and by Anton Wilhelm Amo* (Milan: Mousse Publishing, 2021), 66-81 (German)/230-44 (English).
- ³¹ N.T.: Muito embora esse texto apresentado na reunião com os alunos protestantes possivelmente não tenha sido publicado por Ricœur, sabe-se que o tema da comunidade confessante o perseguiu por anos a fio. Em 1967, por exemplo, Ricœur participou de um colóquio em Amiens (França), cujas atas reúnem três textos com teor similar: “Être protestant aujourd’hui,” “Présence de l’Église au monde” e “Autour du sens et du langage.” (Cf. *Cahiers d’étude du Centre protestant de recherches et de rencontres du Nord*, vol. 26, 1968). Cf. também artigo de Olivier Abel comentando o assunto:

<https://olivierabel.fr/Ricœur/paul-Ricœur-et-le-langage-de-la-communaute-ecclesiale.php>, Acesso em 8 de junho de 2021.

- ³² N.A.: Cf. "Témoignages sur *La philosophie bantoue* du Père Tempels," *Présence africaine*, vol. 7 (1949), 252-78.
- ³³ N.A.: Placide Tempels, *La philosophie bantoue* (Elisabethville [Lubumbashi]: Lovania, 1945/Paris: Présence africaine, 1949). N.T.: Em 2017, uma tradução em língua portuguesa dessa obra foi publicada em Luanda (Angola), pela Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto.
- ³⁴ N.A.: Pensa-se naturalmente em Lévy-Bruhl, autor de, dentre outras obras, *Fonctions mentales dans les sociétés inférieures* (1910) e de *La mentalité primitive* (1911). Mas Tempels não cita Lévy-Bruhl sequer uma vez. Seu alvo é sobretudo Raoul Allier, autor de *La psychologie de la conversion chez les peuples non civilisés* (1925) e de uma obra sobre *Le non-civilisé et nous. Différence irréductible ou identité foncière?* (1927). Sabe-se que Raoul Allier não era um ninguém: estudante da École normale supérieure, agregado de filosofia e em seguida pastor da Église réformée de France, missionário em Madagascar, professor da Faculdade de teologia protestante de Paris. Quem poderia ainda duvidar que é possível ser um grande erudito e ainda assim escrever bobagens?
- ³⁵ N.A.: Jacques Havet (dir.), *Tendances principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines*, t. I, I-L et 1-964, t. II, 965-1645. (Paris/La Haye/New York: Mouton/Unesco, 1978). Além do prefácio de Amadou-Mahtar M'Bow, diretor geral da Unesco e da introdução de Jacques Havet, relator geral, o tomo I inclui duas seções: I. Les sciences anthropologiques et historiques II. L'esthétique et les sciences de l'art. O tomo II inclui também duas seções: III. La science juridique, IV. La philosophie. Esta última seção, dividida em dois capítulos, é dirigida por Paul Ricœur.
- ³⁶ N.A.: Cf. *Tendances principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines*, t. II, section IV: "La philosophie," 1127, introdução de Paul Ricœur, "La philosophie et les philosophies aujourd'hui."
- ³⁷ N.A.: Paulin J. Hountondji, "Remarques sur la philosophie africaine contemporaine," *Diogenes*, vol. 71 (juillet-septembre 1970), 120-40. Este artigo iria se tornar, sob o título "Une littérature aliénée," o capítulo 1 de *Sur la "philosophie africaine."*
- ³⁸ N.A.: Paulin J. Hountondji, "El discurso del amo. Observaciones sobre el problema de los derechos humanos en Africa," in *Los fundamentos filosoficos de los derechos humanos*, pref. Paul Ricœur (Barcelona/Paris: Serbal/Unesco, 1985), 352-68.
- ³⁹ N.A.: Paulin J. Hountondji, "His Master's Voice. Remarks on the Problem of Human Rights in Africa," in Unesco and International Institute of Philosophy, *Philosophical Foundations of Human Rights*, intro. Paul Ricœur (Paris: Unesco Press, 1986), 319-32.
- ⁴⁰ N.A.: Cf. Paulin J. Hountondji, "Jacques Derrida, l'Afrique, le colloque de Cotonou," *Critique*, vol. 771-772 (août-septembre 2011), 726-35.